



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

PALOMA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NA VOZ AUTOBIOGRÁFICA DE
MAYA ANGELOU EM EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

PALOMA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NA VOZ AUTOBIOGRÁFICA DE
MAYA ANGELOU EM EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado

a/ao Coordenação /Departamento do Curso de
Letras Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Paloma da.

A construção identitária da mulher negra na voz autobiográfica de Maya Angelou em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* [manuscrito] / Paloma da Silva. - 2024.

39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. "

1. Autobiografia. 2. Literatura afro-americana. 3. Feminismo negro. I. Título

21. ed. CDD 801.95

PALOMA DA SILVA

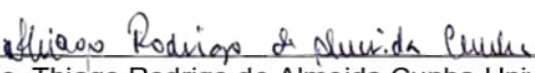
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NA VOZ AUTOBIOGRÁFICA DE MAYA ANGELOU EM EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA

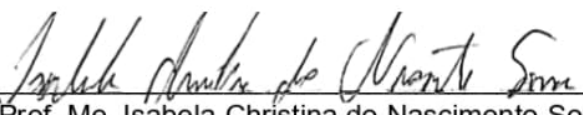
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 07/03/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Isabela Christina do Nascimento Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Telma Sueli Farias Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho marca o fim de uma jornada acadêmica significativa e desafiadora, e não poderia ter sido alcançada sem o apoio e a contribuição de muitas pessoas. Gostaria de expressar minha profunda gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por me dar o discernimento necessário para chegar até aqui.

Agradeço a meu orientador, o professor Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha pela orientação, incentivo e paciência incansáveis ao longo deste processo. Suas sugestões e *insights* foram inestimáveis para a qualidade deste trabalho.

À minha família, em especial à minha mãe Maria da Conceição da Silva e irmã Tatiane Fernandes da Silva, sua crença em mim foi um fator motivador fundamental, a força de vocês me inspira.

À minha amiga e colega de curso Aline Cordeiro Trovão, que compartilhou ao longo dessa jornada experiências e conhecimentos comigo, agradeço por tornar essa Jornada mais prazerosa. Em especial ao meu amigo 김용한 (Kim Yonghan), que durante o período da graduação me ajudou a aprimorar minhas habilidades de fala e escrita em língua inglesa por mensagens de textos e chamadas de vídeo.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta participaram e colaboraram desse processo, pois sua contribuição foi fundamental para o sucesso deste trabalho. Este TCC não seria o que é sem o auxílio de todos vocês, e estou imensamente grata por fazerem parte desta jornada acadêmica. Seu apoio e influência foram essenciais para a conclusão deste projeto.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo examinar como a personagem Maya vivencia e expressa em sua realidade as opressões estruturais. Através da obra autobiográfica *I know why the caged bird sings* de Maya Angelou, pretendemos refletir sobre a voz que emerge na escrita literária de si, levando em consideração a perspectiva da autora, suas experiências individuais e coletivas, e como essa voz contribui para o empoderamento e a conscientização dentro do contexto de luta e resistência das mulheres negras. Posteriormente, conduzimos uma análise que explora como as autoras, por meio de suas obras, abordam temas ligados às identidades, ao empoderamento, às lutas e resistências das mulheres negras. Historicamente, as mulheres negras foram sistematicamente excluídas das normas impostas pelo sistema patriarcal. Portanto, o esforço para trazer à luz textos literários criados por mulheres negras desempenha um papel fundamental na desconstrução do discurso dominante e no reconhecimento das capacidades e potencialidades das mulheres negras. Como metodologia para a escrita, realizamos pesquisa bibliográfica, a partir de diferentes autoras como: Zora Neale Hurston (1891-1960), Toni Morrison (1987), Alice Walker (1975), e Angela Davis (2016). Em suma, este trabalho buscou analisar o papel crucial da literatura como uma forma de luta e resistência para as mulheres negras, com foco na obra autobiográfica *I Know Why the Caged Bird Sings*.

Palavras chave: Maya Angelou, autobiografia, literatura afro-americana, feminismo negro.

ABSTRACT

This work aims to examine how the character Maya experiences and expresses structural oppressions in her reality. Through Maya Angelou's autobiographical work "I Know Why the Caged Bird Sings," we intend to reflect on the voice that emerges in the literary self-writing, taking into account the author's perspective, her individual and collective experiences, and how this voice contributes to empowerment and awareness within the context of the struggle and resistance of black women. Subsequently, we conduct an analysis that explores how female authors, through their works, address themes related to identities, empowerment, struggles, and resistances of black women. Historically, black women have been systematically excluded from the norms imposed by the patriarchal system. Therefore, the effort to bring to light literary texts created by black women plays a fundamental role in deconstructing the dominant discourse and recognizing the capabilities and potentialities of black women. As a methodology for writing, we conducted bibliographic research, based on different authors such as Zora Neale Hurston (1891-1960), Toni Morrison (1987), Alice Walker (1975), and Angela Davis (2016). In summary, this work sought to analyze the crucial role of literature as a form of struggle and resistance for black women, focusing on the autobiographical work *I Know Why the Caged Bird Sings*.

Keywords: Maya Angelou, autobiography, African-American literature, black feminism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A EXPRESSÃO DO EU NA ESCRITA LITERÁRIA	10
2.1 Resistência e empoderamento	14
3 ANÁLISE	20
4 METODOLOGIA	35
5 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A literatura afro-americana tem desempenhado um papel crucial na amplificação de vozes historicamente marginalizadas, oferecendo um espaço vital para a expressão das experiências únicas e complexas de suas comunidades. No cerne dessa rica tapeçaria literária encontra-se a obra seminal *I Know Why the Caged Bird Sings* de Maya Angelou, uma narrativa que não apenas transcende as barreiras da linguagem, mas também mergulha profundamente na experiência da mulher negra nos Estados Unidos.

Marguerite Ann Johnson, ou Maya Angelou, como gostava de ser chamada, nasceu em 4 de abril de 1928, em St. Louis, nos Estados Unidos. Além de escritora, foi também dançarina, cantora, atriz, professora e ativista política. Sua primeira obra de sucesso foi sua autobiografia, *I know why the caged bird sings*, publicada em 1969. As obras de Maya ficaram marcadas pela crítica social, questões de gênero e objeção ao racismo, temas tão relevantes que a tornaram conhecida no mundo inteiro. Além disso, ela foi a primeira mulher negra a ter seu rosto estampado em uma moeda nos Estados Unidos.

A trajetória de Maya foi delineada por essas três palavras: racismo, adversidade e emancipação. Ela cresceu como uma jovem negra no sul, sob os cuidados de sua avó paterna, e carregava um peso imenso, isso inclui a pobreza, o abuso sexual que sofreu na infância, as lutas como mãe solteira e os desafios de encontrar seu lugar em uma sociedade que muitas vezes a rejeitava devido à sua raça e gênero. No entanto, encontrou refúgio e alívio na literatura, onde as palavras ofereciam um bálsamo para suas feridas.

A obra *I know why the caged bird sings* (1969), é a primeira autobiografia de Maya Angelou, da sua série de obras autobiográficas¹. O livro aborda temas como racismo, identidade, família e o desafio de ser uma jovem negra na América do século XX. De acordo com Braxton (1989), a escrita de Maya Angelou combina a autoconsciência com

¹ Eu sei por que o pássaro canta na gaiola (1969); Reúnam-se em meu nome (1974); Cantando e dançando e ficando feliz como o Natal (1976); O coração de uma mulher (1981); Todos os filhos de Deus precisam de sapatos de viagem (1986); Uma canção lançada ao céu (2002); Carta a minha filha (2008); Mamãe & eu & mamãe (2013).

o reconhecimento das realidades políticas enfrentadas pelos negros no sul dos Estados Unidos e a responsabilidade inerente a essa compreensão.

Através das memórias, a autora oferece uma visão poderosa de sua infância e adolescência, bem como as lutas e triunfos que moldaram sua vida. É uma aula de sobrevivência, persistência, autoconhecimento, trazendo como pano de fundo o contexto histórico da segregação racial nos EUA, contada por quem viveu, fazendo o leitor ter uma perspectiva de como era ser uma mulher negra naquela época (1930-1940) nas condições em que ela se encontrava.

A escritora mostra através da autobiografia elementos históricos, sociais e culturais desagradáveis como: racismo, machismo, pobreza, a prevalência da visão de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros, que conseqüentemente leva à naturalização da desigualdade de direitos (Carneiro, 2011).

Através desta pesquisa que apresenta abordagem qualitativa (Denzin; Lincoln, 2006), temos o objetivo de examinar como a personagem Maya vivencia e expressa em sua realidade as opressões estruturais, conforme narrado na obra *I know why the caged bird sings*, em consonância com a teoria proposta pelas autoras Zora Neale Hurston (1891-1960), Toni Morrison (1931-2019), Alice Walker (1944), e Angela Davis (1944).

Nesse véis compreende-se que a literatura tem um papel importante na construção do protagonismo das mulheres negras, não apenas no campo literário, mas nas artes em geral, apesar da discriminação racial historicamente imposta sobre as pessoas negras. Diante dessa realidade, surgiu a inquietação de investigar a representação da mulher negra através da personagem Marguerite de Maya Angelou, como objeto de estudo utilizamos a obra *I know why the caged bird sings* (1969) de Maya Angelou. Assim tecemos a seguinte pergunta que norteia esse estudo: qual a relevância da representatividade feminina negra na obra *I know why the caged bird sings* de Maya Angelou?

Especificamente, pretendemos analisar (i) como a personagem vivencia e

expressa as opressões estruturais, como racismo, sexismo e elitismo, em sua vida cotidiana e (ii) Analisar a importância do feminismo negro ao evidenciar as diferenças no tratamento e representação entre mulheres negras e brancas, e reconhecer a necessidade de abordar essas disparidades para promover a igualdade de gênero e racial.

Como justificativa para esta proposta de pesquisa, compreendemos que se faz pertinente uma análise acerca dos estudos relacionados à literatura afro e à representatividade da mulher negra, visto que por meio da literatura, autores negros e negras retomam sua integridade enquanto seres humanos, rompendo o círculo vicioso do racismo, enraizado, também, na prática literária, principalmente em países dominados pela cultura do branco e que receberam imigrações forçadas pelo regime de escravidão, como na América do Norte.

A fim de propiciar uma visão mais ampla no que diz respeito à produção literária no século XX, que foi o período em que os movimentos negros começaram a se fortalecer em todo mundo, precisamos fazer um recorte histórico, trazendo uma discussão mais vasta, abordamos como eixos temáticos/teóricos, (i) autobiografia e as mulheres afro-americanas e (ii) a relação entre a literatura e a representatividade enquanto uma conquista (feminismo negro), conforme Zora Neale Hurston (1891-1960), Toni Morrison (1931-2019), Alice Walker (1944) e Angela Davis (1944).

A presente pesquisa divide-se em quatro seções, sendo elas: (i) introdução, em que abordamos os aspectos gerais e a contextualização da pesquisa, bem como a metodologia; (ii) fundamentação teórica, abrangendo os referenciais teóricos que trazem discussão acerca do tema, literatura afro-americana e sua importância no âmbito educacional; (iii) análise e, (iv) metodologia, e por fim; (v) nossas considerações finais.

2 A EXPRESSÃO DO EU NA ESCRITA LITERÁRIA

Iniciar uma conversa sobre obras autobiográficas exige reconhecer sua relevância dentro da literatura, um texto sobre si mesmo, pode ser facilmente definido como uma narrativa que alguém faz da própria vida. Do ponto de vista de Coimbra (2003), serve como ponto de partida para um autoconhecimento de compartilhamento de experiências em um contexto de tempo e espaço histórico. Obras autobiográficas podem trazer a dualidade entre ficção e realidade, porém seu foco continua sendo o texto literário, que fornece novas perspectivas sobre a história, conectando aspectos econômicos, políticos e estéticos (Smith e Watson 1998).

Nesta perspectiva, a narrativa autobiográfica oferece às comunidades historicamente oprimidas um meio de se inserirem no debate social e cultural. A literatura tornou-se uma ferramenta através da qual as mulheres podiam participar ativamente, tanto artística como politicamente, no contexto social, como salientaram (Smith e Watson 1992).

A narrativa de *I Know Why the Caged Bird Sings* (1969), de Maya Angelou, se desenvolve ao longo do século XX. A história começa na década de 1930 e abrange várias décadas, incluindo os anos 40 e 50. Nesse Período, a América do Norte viveu um movimento que buscava fortalecer a identidade e as tradições culturais com foco na dominação branca. Essa ênfase tem contribuído para suprimir expressões de setores sociais que discordam desse ideal, incluindo negros e mulheres.

No cenário literário do século XX, os estudos pós-coloniais desempenharam um papel crucial para que a literatura afro conquistasse seu espaço. Susan Bassnett (1993) destaca que a literatura, quando usada politicamente, auxilia na reconstrução e na reafirmação da identidade cultural em diversas regiões. Isso permitiu que vozes anteriormente silenciadas pudessem expressar na literatura não apenas lembranças de opressão e domínio, mas também linguagens e expressões frequentemente excluídas dos discursos sociais e acadêmicos dominantes.

A década de 60 nos EUA foi um momento de fervorosa luta por direitos raciais e uma crescente valorização da identidade negra, também refletida e potencializada pela

literatura e pela rica difusão da cultura afro-americana. Desse modo a literatura norte-americana desempenhou um papel fundamental na projeção da literatura afro-americana, oferecendo um espaço crucial para que vozes negras pudessem emergir e serem reconhecidas no cenário literário.

Maya Angelou, uma das mais proeminentes escritoras afro-americanas, teve um papel crucial em ilustrar as experiências das mulheres negras nos EUA. Em seus trabalhos, a intersecção entre ficção e realidade oferece um poderoso reflexo das adversidades e realidades que muitas mulheres negras enfrentam.

Obras como *I know why the caged bird sings*, traçam um esboço de como, ao longo da história, a sexualidade feminina tem sido frequentemente objeto de estudo e debate. Seja em relação ao desejo ou ao ato sexual, persiste certo desconforto na sociedade sobre a expressão da sexualidade da mulher. Muitas vezes, essa sociedade atribui à mulher a responsabilidade de moderar seu comportamento sexual.

Essa noção de contenção foi fundamental para a concepção da histeria, uma idéia que, por séculos, estigmatizou as mulheres como irracionais e descontroladas, e esse estigma ainda é bastante persistente na sociedade atual, como uma visão distorcida sobre as mulheres negras, frequentemente estereotipadas como promíscuas e não reconhecidas como vítimas (West, 2002).

Em sua obra autobiográfica, *I know why the caged bird sings*, na representação de si, Angelou narra sua história, aborda profundamente a jornada de autodescoberta de uma jovem mulher negra, e a sexualidade feminina desempenha um papel crucial nessa narrativa, tentando sobreviver e desfrutar da sua liberdade na sociedade estadunidense dos anos 1940, completamente racista, elitista e sexista. Em *Caged Bird*, Angelou também aborda questões profundas e íntimas enfrentadas pelas mulheres, incluindo temas de identidade, sexualidade e desejo.

Nesta mesma perspectiva, Toni Morrison (1931-2019) menciona em uma de suas obras autobiográficas, *Beloved* (1987), as dificuldades de ser mulher e mãe em situação de escravidão, visto que a sexualidade feminina era completamente anulada e substituída pela necessidade de procriação. Ela menciona que:

Mulheres resilientes e perspicazes confidenciavam a ele segredos que normalmente só compartilhavam entre si: que, mesmo após a transição da menopausa, sentiam um desejo avassalador, intenso e mais arrebatador do que quando eram adolescentes, e que isso as fazia sentir vergonha e melancolia; que, em momentos íntimos, almejavam o fim para se libertar desses sentimentos; que valorizavam o sono mais do que qualquer momento desperto. (Morrison, 1987, p. 28).

Morrison descreve os desafios decorrentes da posição como mulher negra. Toni Morrison aborda em sua obra, de maneira profunda e multifacetada o sentimento de não pertencimento experimentado pelos personagens. Um sentimento recorrente que também percebemos na obra de Maya. “Não posso morar aqui. Não sei onde ir, nem o que fazer, mas não posso morar aqui. Ninguém fala com a gente. Ninguém aqui. Os rapazes não gostam de mim. As garotas também não.” (Morrison, 1987, p. 32). Ao descrever o sentimento de não pertencimento experimentado pelos personagens, Morrison evidencia a complexidade da identidade e da experiência da mulher negra na sociedade estadunidense.

Como uma obra autobiográfica, é essencial uma leitura atenta e detalhada. No que diz respeito aos fragmentos narrativos, percebemos que a narrativa de Angelou se alinha ao que Alice Walker (1983) define como a “verdade autobiográfica poética”, caracterizada pela fusão da ficção com a realidade. Por meio dessa perspectiva, Angelou aborda sua realidade e as experiências que viveu, contrapondo-se às concepções culturais equivocadas sobre a mulher de origem africana.

A forma poética da autora em alguns momentos, e a sensibilidade para tocar em assuntos repletos de marcas, de dor, causam um sentimento de sensibilidade ao leitor. Relata a infância e adolescência de Maya, que reflete a situação de outras crianças negras nesse período. Por mais que a escravidão já tivesse acabado, o racismo assolava fortemente a população negra colocada à margem da sociedade pelos brancos, principalmente, por meio de leis específicas para as “pessoas de cor”.²

Faz-se importante frisar que a escrita afro-americana serviu como forma de resistência, como uma arma contra o sistema de superioridades das classes dominantes

² O termo pessoa de cor é tradução direta do termo em inglês “person of color”, hoje usado principalmente nos Estados Unidos para descrever qualquer pessoa que não seja considerada branca.

e principalmente quanto ao governo. A intelectual feminista estadunidense Angela Davis (1944), autora de obras como *Mulheres, raça e classe* (2016), originalmente publicada em 1981. Composto por 13 capítulos, o livro destaca as mulheres negras como protagonistas centrais de suas narrativas, ressaltando sua significativa contribuição para a construção da história da comunidade negra nos Estados Unidos. Davis se molda nessa perspectiva de modelo de resistência e convida à reflexão sobre uma realidade classista, racista e sexista diferente do que está documentado. Apesar de ter sido publicado há mais de 30 anos, traz discussões bastante pertinentes acerca de temas atuais, dentre eles, gênero, raça e classe.

Em sua obra, Davis traz uma discussão importante na luta contra o racismo e a desigualdade de classes evidenciando a relevância e o papel fundamental da mulher nesse cenário: o racismo operava de forma tão profunda no interior do movimento de luta feminino que as portas nunca se abriram de fato para as mulheres negras (Davis, 2016, p.149). As lutas enfrentadas por mulheres brancas e negras apresentam diferenças marcantes devido às intersecções de raça e gênero. Ainda de acordo com a autora:

As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão - trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência, açoitamentos e estupros - as encorajava a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas. (Davis, 2016, p. 42).

A atenção dada pela autora à trajetória das mulheres negras é motivada não somente por suas experiências pessoais, mas também pela falta de análises realistas acerca da condição particular dessas mulheres nos EUA desde os tempos de escravidão. “A realidade das escravas era amplamente desconhecida” (*Ibid.* p. 15), frequentemente as narrativas sobre negros era contada pela perspectiva de um autor branco que sempre banalizavam e marginalizavam as pessoas pretas, não existia uma visão do ponto de vista histórico, das experiências contadas por quem viveu.

Durante o período de segregação racial nos Estados Unidos não apenas no universo literário, mas na sociedade como um todo, além da aversão infundada aos afro descendentes, havia um ressentimento direcionado especificamente às mulheres negras. Essas mulheres eram colocadas em um lugar de insignificância na hierarquia social,

enfrentando discriminação e marginalização sistemáticas. Nesse contexto, o feminismo negro desempenha um papel crucial na desconstrução dessa visão de inferioridade imposta às mulheres negras. Sobre isso, Collins (1990), comenta:

Ao longo da história, intelectuais negras dos Estados Unidos, moldadas pelas adversas condições da segregação racial, empenharam-se em construir o pensamento feminista negro como uma teoria social crítica. Contudo, frequentemente tinham divergências sobre a maneira de articulá-lo (Collins, 1990, p. 13).

Havia uma resistência muito grande no que diz respeito à escrita de autoria feminina, e se intensificava quando se tratava de escrita feminina negra. Nesse quesito vale a pena destacar a importância do feminismo negro na luta pelos direitos civis. A visibilidade e influência de obras autobiográficas como *I know why the caged bird sings*, que ajudaram a validar e elevar as vozes das mulheres negras, tornando a autora uma figura importante na literatura e no ativismo dos direitos civis, e sua obra autobiográfica oferece um olhar íntimo e poderoso sobre as experiências de uma mulher negra lutando por sua voz e lugar no mundo.

A seguir, apresentaremos as principais influências do movimento feminista negro em contraste com a obra, bem como de que modo isso refletiu nas perspectivas da protagonista.

2.1 Resistência e empoderamento

As transformações históricas oferecem uma visão valiosa para compreender as concepções sobre a mulher. À medida que avançamos, torna-se evidente que a definição do que é ser mulher é influenciada e definida de maneira única em diferentes contextos, se pararmos para observar a história a mulher sempre foi posta em um lugar de inferioridade e submissão.

A autora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) salienta que a maneira como as histórias são relatadas e quem as relata está intrinsecamente ligada à posição de poder ocupada. Portanto, percebe-se que o presente é um espelho de posicionamentos políticos passados impulsionados por forças dominantes, levando a sociedade a repetir os mesmos erros, em um ciclo sem fim, ou seja, se existem questões sobre como a figura

feminina é percebida hoje, elas vêm de situações passadas. Isso desemboca no que Beauvoir (1970) defende ao afirmar que “o materialismo histórico revelou várias verdades cruciais. A humanidade não é simplesmente uma espécie biológica, mas uma construção histórica” (*Ibid.* p. 73).

Durante o período da segregação racial nos Estados Unidos (final do século XIX até meados do século XX) o feminismo negro começou a ganhar espaço, em uma narrativa profunda e significativa que aborda principalmente questões de raça e gênero. A luta das mulheres negras neste período foi simultaneamente contra o racismo dominante e o sexismo, tanto dentro da comunidade negra quanto na sociedade em geral. O feminismo procura dar voz às mulheres negras, promovendo uma representação mais ampla e autêntica e também desafiando estereótipos negativos nas esferas sociais, destaca-se pelas adversidades enfrentadas por mulheres negras, abrangendo o preconceito e a desvalorização de contribuições intelectuais.

Kilomba (2019) comenta que foi negado às pessoas negras, especialmente as mulheres, a condição de “ser humano enquanto sujeito social”, ou seja, era-lhes negado o direito de contar sua própria história, sendo objetificada e contada pelo sujeito dominante, a supremacia branca e sexista. Dada essa realidade, é imprescindível discutir esse tema. Durante anos, houve subjugação das mulheres negras, principalmente no âmbito literário, já que não eram vistas como qualificadas para produzir obras literárias.

No cenário literário norte-americano, a representação de escritores negros já era limitada, e a presença de autoras negras era ainda mais escassa. Durante o período do *Harlem Renaissance*³, movimento artístico cultural que ficou conhecido como “*New Black Movement*” que se estendeu à década de 1920, a predominância masculina era evidente. Esse movimento cultural e artístico ficou conhecido como renascimento das artes afro-americanas. Embora muitos artistas do movimento tenham ganhado reconhecimento, as contribuições das mulheres muitas vezes não tinham reconhecimento nenhum, por essa razão, muitas escritoras escondiam-se atrás de pseudônimos.

³ O Harlem Renaissance surgiu como uma explosão artística que unia tudo o que por tantos anos fora desvalorizado e reprimido na população negra, como sua cultura, arte e religião.

Reverenciada como uma das principais figuras da literatura norte-americana do século XX, Zora Neale Hurston (1891-1960) permanece uma figura pouco reconhecida pela maioria dos estudantes e pesquisadores de Ciências Sociais. Hurston, que produziu obras significativas como *Sweat* (1926), é um exemplo notável da insignificância dada às escritoras. Apesar de seu impacto, ela foi definitivamente esquecida após sua morte, refletindo não apenas a resistência à literatura negra, mas também o sexismo profundamente presente na sociedade.

Em seu artigo intitulado *In Search of Zora Neale Hurston* (1975), a escritora Alice Walker narra sua árdua caminhada até encontrar o local de sepultamento da Sra. Hurston, anos após sua morte. Lá, Walker prestou sua homenagem colocando uma lápide com os dizeres: "Zora Neale Hurston: 'Uma gênio do sul'. Romancista, folclorista e antropóloga. 1901-1960." (Walker, 1975, p. 107).

Para falar dos movimentos negros nos Estados Unidos, é importante destacar movimentos que contribuíram para avanços e conquistas de direitos civis da população negra, como o *Civil Rights Movement*⁴ (1950), movimento que visava eliminar a segregação racial nos Estados Unidos, mas também procurou garantir que os afro-americanos tivessem direitos civis iguais, incluindo o direito ao voto, se concentrava em mudanças políticas e legais, já o *Black Arts Movement*⁵ (1960) surgiu como um movimento que buscava criar uma nova literatura, arte e música "negra" que refletissem a luta e as aspirações dos afro-americanos. Desses movimentos surgiram ativistas como Martin Luther King, Rosa Parks, Nikki Giovanni, Maya Angelou, e muitos outros.

Apesar da influência e do grande impacto que esses movimentos trouxeram, a participação feminina não recebia a devida importância, para Michele Wallace (1999) a invisibilidade das mulheres era amplificada pela mídia. Ao destacar as conquistas do *Civil Rights Movement* e do *Black Arts Movement*, pouco se falava sobre o papel fundamental das mulheres nesses movimentos.

⁴ Civil Rights Movement (1955-1968), foi o movimento dos direitos civis dos negros nos EUA, consistia em conseguir reformas visando abolir a discriminação e a segregação racial no país.

⁵ Black Arts Movement (1965-1975) foi o nome dado a um grupo de poetas, artistas, dramaturgos, músicos e escritores negros com motivação política que surgiram na esteira do Movimento Black Power.

É importante destacar que as mulheres afro-americanas enfrentaram múltiplas formas de opressão, incluindo silenciamento, desvalorização e violência, essa marginalização era intensificada devido à sua dupla identidade como membros de dois grupos frequentemente subjugados: o feminino e o afro-americano.

Em *I Know Why the Caged Bird Sings*, a violência contra mulheres é retratada de diversas maneiras, abrangendo agressões tanto físicas quanto psíquicas, além da discriminação baseada em gênero, etnia e classe social. A autora traz uma perspectiva de como isso afetava sua visão de mundo. Uma forma particularmente impactante é a violência sexual experimentada pela protagonista aos oito anos de idade, descrita da seguinte maneira:

E então houve a dor. Uma ruptura e uma penetração quando até os sentidos são dilacerados. O ato de estupro num corpo de oito anos é uma questão da agulha ceder porque o camelo não pode. A criança dá, porque o corpo pode, e a mente do estuprador não pode. (Angelou, 1996, p. 77).

O estupro como uma forma de dominação na época da escravidão é um aspecto sombrio e triste da história, e a literatura, e a pesquisa histórica têm documentado extensivamente essa realidade dolorosa. Toni Morrison, autora de *Beloved* (1987) explorou essas questões em sua obra, destacando como o trauma do estupro afetou profundamente as vítimas de escravidão e suas famílias. De acordo com Oliveira (2009, p. 56), o abuso sexual infantil resulta em um comportamento na criança que está "em desacordo com a sua idade e estágio de desenvolvimento psicosssexual," o que envolve coerção, força ou sedução.

No livro *I Know Why the Caged Bird Sings*, fica claramente expressa a denúncia do sofrimento que as mulheres negras tem que passar: "As mulheres negras, desde tenra idade, tiveram que enfrentar provações e tribulações, desafiar a natureza [...] tornam-se alvo de ataques masculinos e não provocados, antipatia pelos brancos e vulnerabilidade dentro de sua própria comunidade negra" (Angelou, 1996, p. 265). A análise desta citação revela uma forte presença do essencialismo associado à figura da mulher negra.

Conforme aponta Spivak (2000), o essencialismo estratégico é utilizado para destacar e dar visibilidade a grupos muitas vezes descritos como minorias. Esta

abordagem, nos estudos de gênero e na teoria racial, sugere que certos atributos ou comportamentos são intrínsecos ou “essenciais” a um determinado grupo.

É importante enfatizar que o feminismo negro desempenha um papel fundamental no discurso sobre temas que de outra forma poderiam ser negligenciados por um feminismo mais focado nas experiências das mulheres brancas, de classe média.

As práticas escravocratas deixaram nas mulheres estereótipos que perpetuam uma compreensão distorcida da natureza dessas mulheres, resultando na desconsideração da gravidade da perpetuação da vitimização delas. Sobre isso Hooks salienta que “Estereótipos racistas da mulher negra forte, super humana, são mitos que operam nas mentes de muitas mulheres brancas, o que lhes permite ignorar até que ponto as mulheres negras tendem a ser vitimizadas na sociedade.” (Hooks, 2000, P. 15).

Angela Davis acredita que as mulheres negras sofrem uma continuação da opressão sistemática, mesmo após o fim da escravidão nos Estados Unidos. Para Davis, o fato de que um grande número de mulheres negras ainda estava trabalhando no campo, um quarto de século após a abolição da escravatura, reflete a falta de oportunidades econômicas e a continuidade da marginalização social.

Depois de um quarto de século de “liberdade”, um grande número de mulheres negras ainda trabalhava no campo. Aquelas que conseguiram ir para a casa-grande encontraram a porta trancada para novas oportunidades – a menos que preferissem, por exemplo, lavar roupas em casa para diversas famílias brancas em vez de realizar serviços domésticos variados para uma única família branca. (Davis, 2016, p.97).

Obras como as de Morrison e Davis mencionadas neste estudo foram altamente influentes no contexto da mudança sócio-política e artístico-literária, mas também desempenharam um papel importante no feminismo do negro, que critica a ausência dessas mulheres numa posição central e sua invisibilidade em movimentos como os mencionados anteriormente.

Constantemente, nas obras de autoras negras, os enredos e personagens demonstram um engajamento com a emancipação da mulher negra e o desafio a padrões estéticos já estabelecidos. Conforme aponta Carneiro (2003), “o esforço em consolidar a identidade e obter reconhecimento social tem representado para as mulheres negras, desprovidas de capital social, um desafio contínuo na história” (*Ibid*, p. 129).

Nessa perspectiva, a literatura de autoria feminina é significativa por desafiar a superioridade e a predominância masculina. Através dela, é possível esboçar e identificar existências e comportamentos sociais que diferem de um "eu masculino", caracterizando um "eu feminino" com atributos e funções distintas, mas não subalternos ou desiguais. Em suma, a literatura de autoria feminina negra desempenha um papel vital em refletir e moldar o discurso cultural contemporâneo, garantindo que as histórias e perspectivas de mulheres negras sejam ouvidas, valorizadas e celebradas.

A seguir, apresentaremos as os conceitos discutidos no aporte teórico para examinar como esses elementos se manifestam na obra analisada. Exploraremos como a personagem Maya enfrenta e responde as estruturas de poder dominante e examinar como as experiências da personagem contribui para a construção de identidades fortes e autônomas, e como essas narrativas podem inspirar e capacitar outras mulheres na vida real.

3 ANÁLISE

Ambientado durante 1969, em um cenário pós guerra civil no qual os Estados Unidos ainda se encontrava subdividido em uma parte abolicionista e outra escravocrata, a obra *I Know Why the Caged Bird Sings* retrata bem a desigualdade e os percalços enfrentados pelos indivíduos durante este período. O título dessa obra é uma metáfora que simboliza a luta pela liberdade e autenticidade, uma busca pela própria identidade em meio a um mundo cheio de limitações e preconceitos.

A narrativa de Angelou explora e descreve as dificuldades de crescer como uma jovem negra num mundo dominado pelo racismo e preconceito. “Se crescer é doloroso para a menina negra do Sul, ter consciência de seu deslocamento é a ferrugem na navalha que ameaça o pescoço. É um insulto desnecessário” (Angelou, 1996, p.14). Maya, através de suas experiências, começa a entender e aceitar sua identidade racial e de gênero.

No início da narrativa percebemos um sentimento de não pertencimento da protagonista em relação ao ambiente em que se encontrava, ao descrever a cidade como um "país estrangeiro", transmitindo seu sentimento de estranhamento em relação ao novo ambiente. A narrativa inicia com a seguinte frase: "O que você está olhando? Eu não vim para ficar..." (Angelou, 1996, p.11). Maya reforça esse sentimento quando visita St. Louis:

Eu decidira que St. Louis era um país estrangeiro. Assim que entendi que não tinha chegado a meu lar, fugia para a floresta do Robin Hood e para as cavernas do Alley Oop, onde toda a realidade era irreal e mudava a cada dia. Eu carregava o mesmo escudo que usara em Stamps: “Não vim para ficar”. (Angelou, 1996, p.70).

Neste trecho, Maya busca na mitologia de Robin Hood e Alley Oop ao se refugiar na floresta e cavernas das histórias em quadrinhos. De acordo com Braxton (1989), Maya busca seu crescimento intelectual como uma forma de compensar o fato de não se adequar aos padrões de beleza da comunidade opressiva em que vive. Posteriormente na narrativa, a autora faz menção explícita às suas influências literárias, citando nomes como Shakespeare, Kipling, Poe, Thackeray, Dunbar, Hughes, entre outros.

Nos primeiros capítulos, percebemos um sentimento de não pertencimento. Essa falta de pertencimento era uma parte intrínseca da experiência de Maya como uma mulher negra na América segregada.

A teoria proposta por Morrison expressa através da protagonista Shete e de outros personagens de sua obra *Beloved* (1987), um sentimento bastante recorrente na narrativa de Angelou, o sentimento de não pertencimento e a necessidade de escapar das complexidades da experiência afro-americana em um cenário pós guerra civil marcado pelo racismo e pela segregação. “Talvez seja melhor, pensou. Se um negro tem pernas, é para usar. Se ficar sentado demais, alguém vai inventar um jeito de amarrá-las.” (Morrison, 1987, p. 26). Esse trecho reflete a realidade de Maya e de outros afro-americanos que enfrentaram a constante pressão de se conformar com as expectativas sociais e de serem aceitos em uma sociedade que os via como estranhos, não importando o que fizeram ou quanto se esforçaram para se encaixar.

A narradora exibe uma autodepreciação manifestada no padrão branco, desde o racismo casual do cotidiano até o trauma do abuso sexual. O sentimento de não pertencimento, ao examinar a jornada de sua infância, sugere que influências externas e sociais exercem um impacto profundo em sua subjetividade.

[...] a maioria das crianças negras não sabia realmente, em absoluto, como eram os brancos. Sabiam que eles eram diferentes, para serem temidos, e nesse temor estava incluída a hostilidade dos destituídos de poder contra os poderosos, dos pobres contra os ricos, do trabalhador contra o patrão e dos maltrapilhos contra os bem vestidos. (Angelou, 1996, p.30).

Essa passagem destaca a maneira como as crianças negras da época viam a sociedade segregada e hierárquica em que viviam. As crianças negras, imersas em um contexto de desigualdade e opressão, não compreendiam plenamente a natureza dos brancos, mas reconheciam suas diferenças e sentiam um misto de temor e hostilidade em relação a eles. A autora também sugere que essas percepções eram moldadas pelas tensões sociais e econômicas do período.

Maya cresceu em um ambiente segregado, onde pessoas afro-americanas eram segregadas do restante da população. Pessoas negras eram proibidas de frequentar lugares públicos e privados ao mesmo tempo em que as pessoas brancas. Existiam

médicos específicos para pessoas brancas e para “pessoas de cor”, essa segregação fica evidente na obra de Maya quando ela precisa ir ao dentista: “[...] O dentista Lincoln se mostrou muito petulante. Disse que preferia colocar a mão na boca de um cachorro.” (Angelou, 1996, p 179).

O diálogo que segue entra a avó de Maya e o dentista deixa ainda mais evidente à condição em que os EUA se encontravam em um período de segregação: “[...] eu já lhe disse, não vou mexer na boca de nenhum negro.” Eu disse: Então, alguém tem de fazer isso”, e ele disse: “Leve-a para o dentista de cor em Texarkana.” (Angelou, 1996, p.179).

Maya enfrentava desigualdades raciais e preconceitos, além do trauma do abuso sofrido na infância, ela luta para conciliar sua identidade racial, cultural e pessoal com as expectativas sociais impostas pela sociedade. Um elemento crucial, sobretudo para as jovens desse período, envolve o treinamento e a instrução sobre como se portar na sociedade e adquirir habilidades nas tarefas domésticas. No que diz respeito às jovens negras, Angelou (1996, p. 101) destaca refletindo sobre seu contexto:

É claro que o treinamento não era o mesmo. Enquanto as meninas brancas aprendiam a dançar valsa e a sentar-se graciosamente com uma xícara de chá equilibrada sobre os joelhos, nós ficávamos para trás, aprendendo os valores da época vitoriana média com muito pouco dinheiro para desfrutá-los. (Angelou, 1996, p.101). Ao empregar o pronome “nós” neste trecho, Maya Angelou expressa um forte sentimento de identificação e solidariedade com outras meninas negras que compartilharam experiências semelhantes durante sua infância. Maya acreditava está destinada a ser “[...] criadas e agricultores, faz-tudo e lavadeiras [...]” (Angelou, 1996, p.168). A idéia de qualquer coisa mais elevada soaria ridícula e presunçosa. O trecho evidencia como as desigualdades raciais e sociais continuavam a moldar as oportunidades de emprego e as trajetórias de vida das mulheres nos Estados Unidos, mesmo após a abolição da escravidão.

Ao relacionarmos com a teoria proposta anteriormente, destacando a autora (Davis 2016), percebemos uma conexão com o que Maya relata em sua obra, Davis comenta

em sua obra “Mulheres, Raça e Classe” (2016) que mesmo após o período de pós-escravatura, mulheres negras eram destinadas a desenvolver trabalhos “domésticos” e em sua obra destaca: “Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, amas, criadas de quarto e todas as propostas domésticas, as mulheres brancas do Sul rejeitavam esta linha de trabalho”. (Davis, 2016, p. 68-69).

Ao relacionar a experiência pessoal de Angelou com a análise de Davis, é possível observar como as vivências individuais se alinham com as dinâmicas sociais mais amplas, destacando a interseccionalidade das opressões raciais e de gênero e a importância do feminismo negro na luta coletiva para enfrentar essas injustiças.

Em *I Know Why the Caged Bird Sings*, o interesse de Maya pela literatura desempenha um papel fundamental em sua jornada. Através da leitura e da escrita, ela encontra uma maneira de superar desafios, dar sentido às suas experiências e encontrar sua voz como escritora, o que a levaria a se tornar uma figura literária e ativista de renome.

[...] conheci e me apaixonei por William Shakespeare. Ele foi meu primeiro amor branco. Embora apreciasse e respeitasse Kipling, Poe, Buder, Thackeray e Henley, guardei minha paixão jovem e leal para Paul Lawrence Dunbar, Langston Hughes, James Weldon Johnson e para a "Litania em Adanta" de W.E.B. Du Bois. Mas foi Shakespeare quem disse: "Quando em desgraça com a sorte e com os olhos dos homens." Era um estado com o qual eu me sentia familiarizada. Eu me tranqüilizava a respeito de sua cor branca dizendo que, afinal de contas, ele estava morto havia tanto tempo que não poderia importar para ninguém mais. (Angelou, 1996, p. 21).

Como uma mulher negra crescendo em uma sociedade predominantemente branca, Angelou pode ter sido exposta principalmente à literatura produzida por autores brancos. Seu interesse por esses autores pode refletir sua familiaridade com a literatura dominante e uma busca por se integrar ao cânone literário estabelecido.

O precoce interesse de Maya por textos como esses evidencia os esforços dentro da comunidade negra para tomar decisões independentes, livre de influências externas coercitivas. Isso inclui a introdução de referências negras, a exemplo do poeta Paul Laurence Dunbar (1872-1906), e a exposição à cultura e literatura afro-americana.

Angelou compartilha sua relação única com a literatura e a forma como ela encontrou inspiração e conforto nas palavras de autores de diferentes origens para

escrever suas obras. Ao nutrir um profundo apreço por aqueles que compartilhavam suas vivências culturais e sociais, Maya não apenas se conectou com suas raízes, mas também contribuiu para o fortalecimento da literatura afro-americana.

Embora a literatura e os escritores tenham desempenhado um papel crucial na trajetória literária de Maya, o convívio com sua mãe Vivian Baxter teve forte influência em sua vida, na obra autobiográfica “Mamãe & Eu & Mamãe” (2018), que encontramos uma dimensão ainda mais pessoal e emocional de sua jornada. Enquanto a literatura proporcionou a Maya uma compreensão mais profunda de suas experiências e identidade, foi o convívio com Vivian Baxter que solidificou seu senso de auto aceitação e determinação.

O que você aprendeu com essa experiência?” “Aprendi que você provavelmente foi a melhor proteção que eu terei na minha vida.” Ela perguntou: “E o que você aprendeu sobre si mesma?” Falei: “Aprendi que não tenho medo de trabalhar, basicamente isso.” Ela disse: “Não, você aprendeu que tem poder — poder e determinação. Eu te amo e tenho orgulho de você. Com essas duas coisas, você pode ir a qualquer lugar.” (Angelou, 2018, p. 37-38).

Assim como na literatura, onde Maya encontrou inspiração e reflexão, a orientação materna de Vivian desempenhou um papel fundamental em sua jornada de autoconhecimento. Em “Mamãe & Eu & Mamãe”, esse relacionamento íntimo é evidenciado pela troca de palavras encorajadoras e apoio emocional, destacando a importância da maternidade na formação de Maya como escritora e como mulher.

Um dos desafios iniciais enfrentados pela narradora em sua autobiografia está relacionado à sua aparência, mas à relação próxima com sua avó, carinhosamente chamada de mãe Henderson, proporcionou a Maya um ambiente de apoio, aceitação e amor, que desempenhou um papel significativo em sua formação e autoaceitação que fez com que Maya moldasse o pensamento que tinha sobre si mesma. Sua influência é fundamental para o crescimento e desenvolvimento de Maya como indivíduo e como artista, e sua presença ressoam profundamente em toda a narrativa.

Será que eles ficariam surpresos se um dia eu acordasse de meu sonho feio e negro e meu cabelo de verdade, que era comprido e louro, tomasse o lugar da massa encarapinhada que mamãe não me deixava alisar? Meus olhos azuis iriam hipnotizá-los [...] (Angelou, 1996, p. 11).

A autora reflete a complexidade das questões raciais e de identidade enfrentadas pela personagem. Ao mencionar um "sonho feio e negro", há uma alusão ao estigma associado à cor da pele e ao padrão de beleza eurocêntrico que historicamente desvalorizou características associadas a pessoas negras. A referência ao cabelo "comprido e louro" aborda a pressão para conformar-se aos padrões de beleza dominantes, que frequentemente favorecem cabelos lisos e claros, em contraste com a descrição de um cabelo natural "encarapinhado"⁵.

Maya Angelou, em sua citação, expressa as expectativas e pressões sociais em relação aos padrões de beleza eurocêtricos. Toni Morrison, por outro lado, em obras como "O Olho Mais Azul", aborda questões semelhantes ao explorar a internalização desses padrões de beleza e como eles afetam a identidade e autoestima das personagens afro-americanas.

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tenha perdido a esperança. Levaria muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. (Morrison, 2003, p. 50).

Ao abordar essa busca incansável por uma conformidade com padrões inatingíveis, Toni Morrison critica as normas de beleza que perpetuam a marginalização e a alienação de pessoas negras. Tanto a citação de Maya Angelou quanto a obra de Toni Morrison exploram as complexidades da identidade racial e da percepção da beleza na comunidade afro-americana que girava em torno do padrão eurocêntrico.

Desde o início da obra, fica claro que Maya tem um profundo amor e respeito por sua avó. Mãe Henderson é retratada como uma mulher forte, sábia e compassiva, que oferece amor incondicional e apoio emocional a Maya e a seu irmão Bailey. Ela é uma fonte de estabilidade em suas vidas, especialmente quando sua mãe está ausente ou incapaz de cuidar deles.

Apesar de ter crescido em meio ao desafiador contexto de segregação racial nos Estados Unidos, em um cenário em que as pressões sociais muitas vezes promoviam a

⁵ Diz-se do cabelo que é muito crespo e enrolado; encarapelado.

negação das próprias identidades e a busca por padrões de beleza e aceitação alheios, a avó materna foi uma fonte vital de encorajamento na vida de Maya e de seu irmão Bailey.

Mamãe pretendia ensinar a Bailey e a mim a usar os caminhos na vida que ela, sua geração e todos os negros que tinham vindo antes tinham descoberto, e descoberto que eram seguros. (Angelou, 1996, p.49).

A referência aos "caminhos na vida" implica em orientações específicas e práticas que a mãe/avó considera úteis e, possivelmente, necessárias para a sobrevivência e progresso dentro de uma sociedade racialmente segregada. O ato de compartilhar esses "caminhos seguros" é uma maneira de a mãe de Maya equipar seus filhos com as ferramentas necessárias para prosperar em meio a adversidades, promovendo a continuidade da resistência e da resiliência dentro da comunidade negra. Portanto, há uma linha de continuidade entre o legado de sabedoria compartilhada e os desafios pessoais que indivíduos como Maya enfrentam em suas vidas.

Essa prática não apenas reflete a resistência e resiliência históricas, mas também se conecta diretamente à ideia de enfrentar desafios notáveis, como os que Maya Angelou experimentou em sua trajetória, desde os traumas sofridos na infância, envolvendo um episódio de abuso sexual, um dos principais acontecimentos relatados na obra.

Maya relata que se mudou para St. Louis, aos oito anos de idade para viver com sua mãe e seu padrasto, Sr. Freeman. A narradora menciona o desconforto que sentiu ao dormir com sua mãe e seu padrasto, pela primeira vez dormir ao lado de um homem que não fosse seu irmão ou seu avô era estranho: “[...] e nas minhas noites particularmente ruins minha mãe me levava para dormir com ela na cama grande com o Sr. Freeman [...]” (Angelou, 1996, p. 72). Em seguida, relata que se acostumou com a presença do Sr. Freeman: “Depois da terceira vez na cama de nossa mãe, eu achei que não havia nada de estranho em dormir ali” (Angelou, 1996, p. 72). E continua:

Mas acordei com uma pressão, uma sensação estranha na minha perna esquerda. Era mole demais para ser uma mão e não era o toque das roupas. O que quer que fosse, eu não experimentara aquela sensação em todos os anos dormindo com mamãe. Aquilo não se mexia, e eu estava surpresa demais para me mexer. Virei minha cabeça um pouco para a esquerda para ver se o Sr. Freeman estava acordado e se levantara, mas seus olhos estavam abertos e as

duas mãos estavam sobre a coberta. Eu soube, como se sempre soubera, que era sua 'coisa' na minha perna. (Angelou, 1996, p.72).

A narrativa é delicada, ao descrever a descoberta da presença indesejada na perna de Maya, criando uma atmosfera de desconforto e vulnerabilidade. Esse trecho é crucial para entender a jornada de Maya, o episódio do abuso marca um evento traumático que influencia significativamente sua vida e molda sua compreensão posterior sobre sua identidade e sexualidade.

A história que se desenvolve durante o tribunal é angustiante. Nesse contexto, a personagem, apesar de ser uma criança de apenas oito anos de idade, enfrenta não apenas o desafio de relatar um incidente traumático com uma carga emocional de culpa e vergonha diante de um tribunal e do agressor, mas também a abordagem desrespeitosa do advogado de defesa, ao adotar perguntas incisivas contribuindo para a perpetuação do sofrimento da vítima.

_Que roupa o réu estava usando? Era o advogado do Sr. Freeman. Não sei. _
Quer dizer que este homem estuprou você e você não sabe o que ele estava usando? - Ele deu uma risadinha abafada como se eu tivesse estuprado o sr. Freeman. - Você sabe se foi estuprada? (Angelou, 1996, p.82).

Essa passagem evidencia a atmosfera hostil e desrespeitosa em que Maya foi exposta no tribunal, sendo confrontada com perguntas irrelevantes, como a roupa do agressor minimizando a gravidade do crime de estupro, a maneira como o advogado faz as perguntas reflete a mentalidade da sociedade americana da época, especialmente em relação às vítimas de agressão sexual, particularmente as mulheres negras. Além disso, ilustra como a supremacia do homem sobre a mulher é uma realidade presente na obra, refletindo as complexidades das relações de gênero em uma sociedade marcada pelo racismo, sexismo e opressão sistêmica.

O trauma impactou sua autoestima de uma forma que ela não conseguia enxergar a prisão do Sr. Freeman como consequência do crime que ele cometeu, fazendo-a acreditar que a prisão foi causada por sua fala, a garota se sentiu culpada e envergonhada.

O sr. Freeman certamente tinha feito algo de muito errado, mas eu estava convencida de que eu o tinha ajudado a fazê-lo. Eu não queria mentir, mas o

advogado não me deixava pensar; então, usei o silêncio como refúgio. (Angelou, 1996, p.82).

A narradora expressa sua convicção de que o Sr. Freeman cometeu algo grave, mas a dificuldade em articular a verdade devido à pressão do advogado, refletindo a pressão psicológica da narradora diante da situação complexa em que se encontra. O conflito entre o desejo de não mentir e a pressão do advogado ilustra as dificuldades que muitas vítimas enfrentam ao relatar eventos traumáticos.

O sentimento de culpa quando a narradora relata “eu estava convencida de que eu o tinha ajudado a fazê-lo” é comum em vítimas de abuso, muitas vezes resultado de uma carga cultural que atribui erroneamente a responsabilidade à vítima e a faz duvidar de sua própria inocência. Kilomba (2019, p. 138) explora a política sexual em volta das mulheres negras, destacando que aquelas que são vítimas de agressão frequentemente internalizam a responsabilidade do agressor.

Angela Davis (2017) ressalta que o movimento contra o estupro na década de 70 desempenhou um papel crucial em desmistificar publicamente certas idéias relacionadas a cultura do estupro, incluindo a falsa crença de que a vítima é responsável pelo crime cometido contra ela.

Angelou compartilha sua própria experiência de estupro aos oito anos de idade em *Caged Bird*, ilustrando vividamente como as vítimas muitas vezes enfrentam culpa e estigma injustos após um ataque sexual: “[...] O Sr. Freeman certamente tinha feito algo de muito errado, mas eu estava convencida de que eu o tinha ajudado a fazê-lo.” (ANGELOU, 1996, p.82), e quando questionada sobre aquela ter sido a primeira vez em que foi tocada pelo Sr Freeman, esse sentimento de culpabilidade faz com que ela minta e continua “[...] eu olhei para o seu rosto fechado, que tentava parecer gostar se eu dissesse não. Eu disse não.” (Angelou, 1996, p.83). Sua narrativa desafia diretamente a idéia de que a vítima é responsável pelo crime sofrido, destacando a crueldade e a injustiça do estupro.

Angela Davis destaca que o estupro tem sido uma ferramenta de tortura historicamente utilizada contra as mulheres escravizadas, em sua obra, ela aborda esse tema ao comentar:

Essa relação não é simples, mecânica, mas envolve construções complexas que refletem a interligação da opressão de raça, gênero e classe característica da sociedade. Se nós não compreendermos a natureza da violência sexual como sendo mediada pela violência e poder raciais, classistas e governamentais, não poderemos ter esperança de desenvolver estratégias que nos permitam um dia purgar nossa sociedade da violência opressiva misógina (Davis, 2017, p. 49).

O movimento antiestupro que correu nos Estados Unidos na época abordou questões como a conscientização sobre o abuso sexual, a importância de acreditar nas vítimas e a necessidade de uma mudança cultural para responsabilizar os agressores e apoiar as sobreviventes. A teoria proposta por Davis aponta para o poder racial, classista e governamental, a perpetuação da violência sexual, que contribuem para a marginalização de certos grupos, tornando-os mais vulneráveis à violência e ao abuso.

No cerne das preocupações residia a desconstrução da concepção de estupro como sendo um ato praticado por estranhos e mediante a violência física (Rabinowitz, 2011). As feministas buscavam evidenciar que o estupro não se tratava de um caso isolado praticado por desconhecidos, mas era uma forma pelo qual os homens exerciam controle. Nessa perspectiva, o estupro era uma prática enraizada na sociedade americana, perpetuada por uma cultura que normalizava e legitimava a violência sexual.

Essa dinâmica reflete a experiência compartilhada por personagens como Celie, em *The Color Purple* (2011), de Alice Walker, que, apesar de não ser uma obra autobiográfica, a abordagem da autora sobre os abusos físicos e psicológicos sofridos principalmente pela personagem Celie, é franca e impactante. Ela utiliza a ficção para lançar luz sobre as realidades cruéis do abuso sexual sofridos pela personagem ainda na infância pelo próprio pai e comenta:

Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e começou a mexer. Depois ele agarrou meus pequenos peitos. Depois ele empurrou a coisa dele pra dentro da minha vagina. Quando aquilo doeu, eu gritei. Ele começou a me sufocar, dizendo: É melhor você calar a boca e se acostumar. (Walker, 2011, p. 08, tradução nossa⁶).

Ao relacionar essa passagem ao abuso sofrido por Maya em *The Caged Bird*, percebemos várias semelhanças nas experiências traumáticas dessas duas

⁶ First he put his thing up gainst my hip and sort of wiggle it around. Then he grab hold my titties. Then he push his thing inside my pussy. when that hurt, I cry. He start to choke me, saying you better shut up and get used to it. (Walker, 2011, p. 08).

personagens. Em ambas as obras, as autoras abordam a violência sexual como uma realidade dolorosa que muitas mulheres enfrentam, destacando as dimensões físicas e psicológicas desse trauma. Embora as histórias se desenrolem em contextos diferentes e as personagens tenham jornadas distintas, a maneira como Alice Walker e Maya Angelou abordam o tema do abuso sexual destaca a resiliência das mulheres diante de situações devastadoras e enfatiza a importância da superação e do empoderamento.

O desenvolvimento reflexivo de Maya abrange desde o abuso sofrido na infância e consequências causadas pela segregação racial nos Estados Unidos, até seus anseios pessoais através do emadurecimento na transição das fases da vida.

Um dos eventos mais aguardados por Maya, já na adolescência, aos 14 anos, foi a sua tão sonhada formatura. A formatura foi um evento monumental na vida de Maya, um marco que não representou apenas uma realização acadêmica, mas simbolizou a resiliência e a superação da protagonista diante dos desafios pessoais que enfrentou, apesar de tudo a narradora estava grata a Deus por permiti-la viver esse momento e comenta:

Eu começara a sorrir com mais frequência, e minhas mandíbulas doíam com essa atividade a que tinham se desacostumado. Entre dois pontos físicos doloridos, eu poderia ter me sentido mal, mas não foi isso o que aconteceu. Como membro do time vencedor (a turma de formandos de 1940), me afastara quilômetros de sensações desagradáveis. (Angelou, 1996, p.162).

A formatura, para Maya, representará um testemunho de força interior e sua capacidade de triunfar sobre as adversidades, marcando um momento significativo em seu desenvolvimento e amadurecimento. “[...] agradei a Deus por, independentemente de todo o mal que eu havia feito em minha vida, Ele ter me permitido viver para ver este dia.” (Angelou, 1996, p.164).

A expressão de agradecimento a Deus revela sua apreciação pela oportunidade de viver para este dia, também reflete a compreensão de Angelou sobre a natureza redentora de sua fé. Ao mencionar o "mal" que ela acredita ter feito em sua vida, Angelou está reconhecendo sua humanidade e imperfeição, mas também demonstrando sua confiança na capacidade de Deus de perdoar e oferecer uma nova chance, e continua: “[...] havia esperado morrer, acidentalmente, e nunca ter a oportunidade de subir a escada

do auditório e receber graciosamente meu diploma conquistado com afinco.” (Angelou, 1996, p. 164).

Nessa passagem, a narradora sugere ao leitor que a intensidade de suas experiências passadas a fizeram duvidar de alcançar momentos significativos como sua formatura. O reconhecimento do esforço e a celebração da comunidade na formatura, não apenas revelam o orgulho da narradora, mas também indicam a compreensão de sua significância nesse contexto: “Eu já não era simplesmente um membro da orgulhosa turma de formandos de 1940; era um membro orgulhoso da maravilhosa e bela raça negra.” (Angelou, 1996, p. 172).

A mudança da narradora para a Califórnia representa um novo capítulo em sua vida. Maya busca escapar das limitações impostas pela segregação racial no Sul dos Estados Unidos, essa transição geográfica desempenha um papel simbólico em sua jornada de autodescoberta e liberdade e pela primeira vez aquela sensação de não pertencer a nenhum lugar começou a mudar: “Em San Francisco, pela primeira vez, eu me percebi como parte de alguma coisa.” (Angelou, 1996, p.195/196).

O final de *I Know Why the Caged Bird Sings* é um momento de reflexão e celebração do crescimento pessoal e da superação da protagonista. Após o evento traumático ocorrido na infância, que a deixou silenciada por anos, representando a metáfora do pássaro enjaulado, Maya toma a decisão de ter relação sexual com um homem, logo após descobre uma gravidez inesperada. Maya dá à luz seu filho, Guy, enquanto ainda é uma adolescente.

Esse evento marca uma transição significativa na vida de Maya, simbolizando a responsabilidade e a maturidade que ela assume como mãe solteira. A obra aborda como Maya lida com as expectativas da sociedade e como essa experiência contribui para seu crescimento e desenvolvimento ao longo da narrativa.

A narrativa sugere que Maya, em algum momento, questionou sua sexualidade e teve dúvidas sobre ser heterossexual, essa reflexão faz parte da sua jornada de autodescoberta. Entretanto, ao longo da narrativa, Maya desenvolve uma compreensão mais clara de quem ela é e de suas próprias orientações afetivas sobre ser heterossexual.

Eu estava sendo esmagada por duas forças implacáveis: a suspeita incômoda de que talvez eu não fosse uma mulher normal e meu apetite sexual recém-despertado. (Angelou, 1996, p. 255). Ela descreve a pressão e a tensão provenientes de duas forças em conflito: a suspeita de que sua identidade sexual pudesse ser diferente do que era considerado "normal" pela sociedade e, ao mesmo tempo, o despertar do seu apetite sexual. Essas forças contraditórias podem refletir os desafios e questionamentos pessoais que muitas pessoas enfrentam ao explorar sua identidade e sexualidade, especialmente em contextos culturais que impõem normas e expectativas rígidas.

Diante dessas reflexões, Maya decidiu que precisava relacionar-se com um homem, assim expressa o desejo de ter um namorado como uma forma de encontrar aceitação e compreensão em relação à sua identidade e feminilidade.

Um namorado esclareceria minha posição para o mundo e, ainda mais importante, para mim mesma. A aceitação por um namorado me guiaria na terra estranha e exótica das afetações e da feminilidade. (Angelou, 1996,p. 255).

Maya parece esperar que um relacionamento amoroso a ajude a entender melhor a si mesma e a se encaixar nas expectativas da sociedade em relação ao papel das mulheres. Essa reflexão revela as pressões sociais e as complexidades que envolvem a busca por identidade e aceitação. “Eu tracei um plano de sedução tendo a surpresa como minha manobra inicial [...] O irmão que eu escolhera veio andando diretamente para a minha armadilha.”, e continua: “[...] Você gostaria de ter uma relação sexual comigo?” (Angelou, 1996, p. 256).

Eu tivera um homem. Fora possuída. Não só não apreciara, como estranhava minha normalidade [...] Três semanas depois, tendo pensado muito pouco a respeito do estranho e da noite estranhamente vazia, eu me vi grávida. (Angelou, 1996, p. 257).

A narrativa não entra em detalhes profundos sobre a dinâmica desse relacionamento, mas destaca que essa relação resulta na gravidez de Maya quando ela ainda é bastante jovem. A protagonista expressa uma atitude de aceitação e responsabilidade em relação à sua gravidez aos 16 anos. “[...] então coloquei o fardo da gravidez aos 16 anos sobre os meus próprios ombros, que era onde ele deveria estar.” (Angelou, 1996, p. 258).

Maya parece recusar a atribuição da culpa a outra pessoa e assumindo total responsabilidade pelos seus atos: “Como eu podia culpar o homem inocente que eu atraíra

para fazer amor comigo? (Angelou, 1996, p. 258). Essa reflexão sugere um senso de maturidade e autodeterminação por parte de Maya, que, apesar das dificuldades, está disposta a enfrentar as consequências de suas ações. A maternidade de Maya não é apenas um subtrama, mas um elemento vital que influencia seu desenvolvimento e a maneira como ela percebe o mundo.

Assim como gratidão confundia-se na minha cabeça com amor, possessividade misturou-se com maternidade. Eu tinha um bebê. Ele era bonito e meu. Totalmente meu. Ninguém o comprara para mim. Ninguém me ajudara a enfrentar os meses desagradáveis de enjôo. Eu tivera ajuda na concepção da criança, mas ninguém podia negar que eu havia tido uma gravidez imaculada. (Angelou, 1996, p. 261).

O final da narrativa é um momento de reflexão e celebração do crescimento pessoal e da superação da protagonista. Após o evento traumático ocorrido na infância, que a deixou silenciada por anos, representando a metáfora do pássaro enjaulado, Maya toma a decisão de ter relação sexual com um homem, resultando em uma gravidez inesperada, apesar de todas as adversidades enfrentadas pela protagonista, ela escolhe dá à luz seu filho, Guy, enquanto ainda é uma adolescente.

Esse evento marca uma transição significativa na vida de Maya, simbolizando a responsabilidade e a maturidade que ela assume como mãe solteira. A obra é rica em detalhes, aborda como Maya lida com as expectativas da sociedade e como essa experiência contribui para seu crescimento e desenvolvimento ao longo da narrativa.

A obra *I Know Why the Caged Bird Sings* de Maya Angelou reflete várias características do feminismo negro. Maya Angelou aborda as interseções de raça, gênero e classe social em suas experiências e na sociedade em geral. Ela reconhece como essas identidades se entrelaçam para moldar suas vivências e as de outras mulheres negras.

Além disso, Angelou usa sua própria história de vida para explorar questões políticas e sociais, revelando como as experiências individuais das mulheres negras são inseparáveis das lutas coletivas por igualdade e justiça.

Ao refletir sobre histórias e perspectivas das mulheres negras, essa literatura desafia narrativas dominantes e amplifica vozes que muitas vezes foram marginalizadas e silenciadas na sociedade. As contribuições de Angelou, Hurston, Walker e Morrison

tiveram um impacto significativo na influência e na produção de outros autores negros, particularmente mulheres. Suas obras têm sido objeto de estudo em universidades e escolas por décadas, além de alcançarem sucesso comercial e receberem reconhecimento tanto do público leitor quanto da crítica literária. A relevância de seus trabalhos é evidente na mudança do cenário da literatura afro-americana feminina ao longo dos anos.

4 METODOLOGIA

Este estudo está alinhado com o paradigma interpretativista, que busca compreender o mundo a partir das perspectivas dos autores, em um nível de experiência subjetiva. Assim, o mundo social é concebido como um processo criado pelos participantes (Francisconi, 2008). Para alcançar nosso objetivo, conduzimos uma pesquisa bibliográfica, focada na análise da obra *I Know Why the Caged Bird Sings* (1969) de Maya Angelou, dentro do contexto da literatura afro-americana. É fundamental é considerar as complexas interações entre história, sociedade e identidade, bem como as maneiras pelas quais a narrativa da mulher negra é moldada e expressa na obra.

Em consonância a esse paradigma, adotamos a abordagem qualitativa. Denzin e Lincoln (2011) afirmam que a pesquisa qualitativa consiste em “um conjunto de práticas interpretativas que faz o mundo visível”. Esse tipo de pesquisa busca a obtenção de dados descritivos de pessoas, lugares e processos interativos que acontece através do contato direto do pesquisador com aquilo que está sendo estudado, sendo que a compreensão dos fenômenos se dá segundo a perspectiva dos sujeitos participantes (Godoy, 1995; Dalfovo; Lana; Silveira, 2008).

Dessa forma é possível entender que muitos dos aspectos envolvidos em uma pesquisa qualitativa não são controláveis, mas difíceis de serem interpretados, generalizados e reproduzidos, uma vez que os sujeitos participantes irão agir segundo seus valores, sentimentos, experiências, cultura e outros (Terrence; Escrivão Filho, 2006).

Nesse sentido, este estudo ancora-se no campo investigativo na/da pesquisa bibliográfica, mais especificamente na análise textual e interpretativa, com base na análise de um texto-fonte (Christiane Nord 1991), dado que contemplamos dois eixos temáticos/teóricos que são propriamente pertencentes acerca dos estudos relacionados literatura negra e a representatividade da mulher preta. A pesquisa inserida nesse campo não busca somente investigar a representação da mulher negra no cenário literário americano na obra *I know why the caged bird sings* (1969) de Maya Angelou, nessa

perspectiva, abarca estudos que propõe propiciar uma visão mais ampla no que diz respeito a literatura de autoria feminina negra.

Adotamos uma investigação textual baseada principalmente na obra *I Know why the caged bird sings*, com auxílio de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses. Essa abordagem pode ser conduzida de forma independente ou como parte de uma pesquisa descritiva ou experimental. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado assunto”.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, focalizamos os elementos relacionados à mulher negra no panorama literário americano. Nossa principal meta foi examinar como a personagem vivencia e expressa em sua realidade as opressões estruturais baseada na obra *I know why the caged bird sings*, de Angelou, enfatizando os temas vinculados à comunidade negra e abordando as nuances do feminismo negro presentes no texto.

Ao longo dos séculos, as normas sociais, as expectativas culturais e as estruturas institucionais moldaram e limitaram as oportunidades e os papéis atribuídos às mulheres negras, porém, na transição do século XIX para o XX, percebemos que o movimento feminista negro desempenhou um papel crucial na conquista de maior liberdade e representatividade para as mulheres negras. Nesse processo, as contribuições da literatura desempenharam um papel significativo em nossa sociedade.

Embora *I Know Why the Caged Bird Sings* não seja um tratado explícito sobre o feminismo negro, ele é frequentemente lido à luz das experiências de Maya Angelou como mulher negra nas décadas de 1930 e 1940. A obra aborda questões de raça, classe e gênero, e pode ser interpretada como uma contribuição à discussão sobre a interseccionalidade, que é uma abordagem que considera as interconexões entre diferentes sistemas de opressão, como raça, classe social e gênero.

Desse modo, a obra *I know why the caged bird sings*, desempenha um papel crucial na amplificação das vozes marginalizadas, fornecendo um espaço para narrativas que desafiam e enriquecem a compreensão coletiva. A história de Maya Angelou, permeada por desafios e triunfos, destaca a complexidade das experiências das mulheres negras nos Estados Unidos, oferecendo uma perspectiva única e vital.

A obra de Maya Angelou e o feminismo negro convergem na necessidade de desafiar estereótipos, confrontar o racismo sistêmico e promover a autoafirmação. A literatura, nesse contexto, não é apenas uma expressão artística, mas uma ferramenta poderosa para a transformação social, permitindo que as vozes outrora silenciadas ecoem e ressoem. Assim, ao explorar a experiência de Maya em *Caged Bird* e conectar

isso ao contexto mais amplo do feminismo negro, reconhecemos a importância vital de se ouvir e valorizar as histórias das mulheres negras.

I know why the caged bird sings é uma obra de relevância profunda que abrange várias dimensões, desde o impacto pessoal até sua influência social e cultural. A obra é um marco significativo na literatura afro-americana, destacando-se por sua voz distinta e por sua contribuição para a ampliação das narrativas negras nos Estados Unidos. A narrativa fornece uma educação valiosa sobre a diversidade de experiências e desafios enfrentados pela mulher negra, ao fazer isso, promove a empatia e a compreensão entre leitores de todas as origens. Angelou quebra barreiras ao abordar temas que eram muitas vezes considerados tabus na literatura de sua época.

A jornada de Maya Angelou e seu legado literário continuam a inspirar gerações de leitores e escritores. Sua capacidade de traduzir experiências pessoais em obras de alcance universal é um testemunho de sua habilidade como contadora de histórias e sua influência duradoura.

Essa pesquisa tem o potencial de oferecer insights significativos sobre a literatura afro-americana e a experiência da mulher negra, especialmente ao explorar *I Know Why the Caged Bird Sings* de Maya Angelou em relação ao contexto de segregação racial nos Estados Unidos. Essa pesquisa pode ser valiosa para educadores, estudantes e acadêmicos interessados em abordar questões de raça, gênero e literatura afro-americana, também pode contribuir para o campo do feminismo negro, fornecendo uma análise da experiência específica da mulher negra nos Estados Unidos durante um período de segregação racial intensa.

É imperativo destacar as limitações inerentes a esta pesquisa, a fim de fornecer uma visão transparente do escopo e das restrições do estudo. Embora esta investigação busque aprofundar nossa compreensão da experiência da mulher negra nos Estados Unidos durante o período de segregação racial, é importante reconhecer que existem limitações que podem afetar a generalização e a abrangência dos resultados.

O estudo se concentra em uma obra específica, *I Know Why the Caged Bird Sings*, e em uma personagem específica, Maya Angelou. Essa limitação pode dificultar a

generalização dos resultados para a experiência de todas as mulheres negras nos Estados Unidos durante o período de segregação racial. Cada obra literária é única, e a experiência de uma personagem pode não representar totalmente a diversidade de experiências vividas por mulheres negras na época.

A pesquisa pode ser limitada pela ênfase em um período específico de tempo e espaço, ou seja, nos Estados Unidos durante a segregação racial, essa abordagem pode não abranger totalmente as complexidades da experiência das mulheres negras em diferentes contextos históricos ou geográficos.

Em última análise, a pesquisa proposta tem o potencial de ser uma contribuição valiosa, desde que suas limitações sejam reconhecidas e tratadas de maneira adequada, permitindo uma análise equilibrada e informada da literatura afro-americana e da experiência da mulher negra nos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

- ADICHE. Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANGELOU, M. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- ANGELOU, M. **Mamãe & Eu e Mamãe**. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- BENSTON, Kimberly. **I am what I am: the topos of (un)naming in Afro-American Literature**. In: GATES JR, Henry Louis (Ed). *Black Literature and Literature Theory*. New York and London: Methen, 1984.p.151-175.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRAXTON, Joanne. **Black women writing autobiography: a tradition within a tradition**. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, 2003.
- COLLINS, Patricia Hills. **Black Feminist Thought: Knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. Routledge. New York and London, 2000.p.13.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- do Nascimento Nganga, J. G. (2021). **Harlem Renaissance: “Morrer para nascer e escrever a partir de si”**. *Revista História: Debates E Tendências*, 21(2), 117 - 129. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/hdtv.21n.2.11096>.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa a fro-brasilidade**.SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º semestre de 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510>.
- HOOKS, bell. **Ain't I a Woman: black women and feminism**. Boston: South End Press, 1981
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORRISON, Toni. **Beloved**. New York: Alfred A. Knopf, NY Book Club Edition HC/DJ Hardcover, 1987.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Batista. **Mulher, corpo e violência: o lugar histórico da dor**. In: BRANDÃO, Izabel; ALBUQUERQUE, Fátima. *Gênero & outros lugares: poéticas e espaços interdisciplinares*. Maceió: EDUFAL, 2009, p. 56.

RABINOWITZ, Nancy Sorkin. **Greek tragedy: a rape culture?** *Eugesta*, n.1, p. 1-22, 2011.

SILVA, A. R. S. da. **LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NEGRA: (DES)SILENCIAMENTOS E RESSIGNIFICAÇÕES**. *fólio - Revista de Letras*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. **De/colonizing the subject: the politics of gender in women's autobiography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida e Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WALKER, Alice, “**In Search of Zora Neale Hurston**” (1975), *Ms. Magazine*, p. 107 (Trad. Bras. Victória Barbosa e Ana Gretel Echazú Böschemeier, *Revista de Antropologia*, Número especial *Fire*).

WALKER, Alice, “**The Color Purple**” (1982). New York:Open Road Integrated Media, 2011.

WALLACE, Michele. **Black macho and the myth of the superwoman**. 4 a. Ed. New York: Verso Classics, 1999.